



6ª EDIÇÃO



CC 2026

UPILE REVISTA

NOSSOS SERVIÇOS

**COBERTURA DE EVENTOS
CULTURAIS;**

**AGÊNCIA DE PUBLICIDADE;
BRANDING E PRODUÇÃO DE
CONTEÚDOS;**

**ASSESSORIA DE
COMUNICAÇÃO E
MARKETING
(INSTITUCIONAL OU
PESSOAL).**



Moçambique – Lichinga
+258 842653521/840565540
revistauphile0055@gmail.com
www.revistaupile.com



"Quando vejo uma criança, ela inspira– me dois sentimentos: ternura, pelo que é, e respeito, pelo que pode vir a ser." Nelson Mandela

FICHA TÉCNICA

Propriedade: REVISTA & EDITORA UPILE ,LDA

Edição: 6ª Edição

Local de Publicação: Lichinga/Niassa

Redação:

- Artimisa J. Tivane Mucavele
- Ana André Mitawa
- Benefiel Bonga
- Jonito Janeiro

Revisão: Geraldina Paia Gueze

Editora: Revista Upile

Arranjo Gráfico: Bilay Luís Tomás

Fotografia: Revista Upile

Periodicidade: Mensal

Impressão: Melo Jr Service

Exemplares: 56

Número de Páginas: 37

Ano: 2026



NOTÍCIAS

08



ENTREVISTA
ESPECIAL
1.º DE JUNHO

11



OPINIÃO

13



COLUNA

16



DEVANEIOS

18



SINOPSE

20



ENTRE – VERSOS

22



MINHA BIO

26



PERGAMINHOS

34

Caros leitores,

É com muita alegria que apresentamos a 6ª edição da Revista Upile. Esta edição, procura destacar os momentos marcantes do mês de Maio e por entre suas páginas, a celebração do dia 25 de Maio, Dia da África, onde em artigos noticiosos e outros de vários géneros literários, celebra-se a africanidade, intercalando-se com a exaltação de 01 de Junho, Dia Internacional da Criança, cujas lágrimas e o suor da emoção do dia, ainda gotejam sobre as nossas memórias.

Com mais uma edição, continuamos a nossa missão de dar voz a autores cujas obras vivem adormecidas, como forma de lembrar a consciência humana sobre factos que marcaram uma Era. Em cada pedaço de conto ou estrofe, falamos um idioma que imortaliza Moçambique, na sua diversidade e dimensão.

Reconhecemos as nossas limitações e tão pouco nos assumimos como autores de todas as histórias, mas entendemos ser crucial a busca incessante pela ancestralidade e os valores da nossa identidade. Por isso, as histórias aqui reunidas não retratam Moçambique no seu todo, mas trazem relatos que impactam e inspiram tantas outras lutas do quotidiano.

Agradecemos os seguidores, amigos e companheiros que contribuem para o nosso crescimento. A cada abraço, mensagem de carinho e demonstração de afecto, advindos da rua, bairro, comunidade e povoado deste belo Moçambique, nos enche de energia para continuar a contar as histórias dos nossos povos.

Um obrigado de todos os géneros literários.

Geraldina Paia Gueze



NOTÍCIAS

O RETORNO DO MESTRE DE THAKARE



Há nomes cujo peso supera as variáveis e falam idiomas muito além de classes gramaticais. Não cabem em nenhuma categoria, e nem há substantivo ou rigor semântico que faça frente ao seu legado. Superam as tendências de repercussão e sobrevivem aos mitos ou preconceitos sobre ritmos tradicionais.

N'fano Wa Dunia, um maestro do Thakare, expressão artístico-cultural que representa uma forma tradicional da língua Emakua marcada por ritmo, movimento, espiritualidade e mensagem social, representa um desses nomes. Para muitos, Thakare simboliza mais do que um género, é também exaltação da paz, promoção da unidade e reconciliação entre os povos africanos e fortalecimento da harmonia entre os moçambicanos.

E foi numa plateia de moçambicanos, que num olhar ténue, estampado na cara de quem se arrasta pela cultura, e inspira lutas, que N'fano Wa Dunia, fez a mais recente aparição pública, arrastando mais do que instrumentos de repercussão, uma saudade do Thakare para uma audiência de todas as alturas- da grandeza e longevidade da sua carreira ou da dimensão pelo cargo e tamanho do maior espectador do evento, Daniel Francisco Chapo, o Presidente da República, aquando da sua passagem pelo Distrito de Mandimba.

A trajectória do Mestre do Thakare muito bem descreve e correlaciona se à exigência da ocasião. Dono de uma carreira que rota arrogância, sua presença vai além da actuação por si só, é esperança, é superação.

Os hinos e ritmos que muitos hoje recriam, roçam sua autoria; respiram sua alma e celebram sua obra. De certo, Manchongueze, Formiga Ntuto, Amalilo entre outros ídolos, idos ou não, viveram instantes do fôlego que N'fano Wa Dunia cedeu ao palco e a vida que anda aos rastos pela condição de saúde.

Nos dias que passam, o espírito aventureiro vagueia pelo mundo e descarta parte de suas criações. Os dedos que tocam guitarras de latas, com acórdãos de tuaine (fios de pneus), lembram esquecimento. Porém, nem a amnésia, de nenhuma categoria sequer, assombrou a sua presença, e nas vestes de um aventureiro, o sujeito sem pronome, largou a cama para fazer o que ninguém jamais poderia imaginar, alegrar os outros, sem se importar consigo mesmo e deixou uma lição: uma obra bem feita perdura gerações.

Disso, N'fano Wa Dunia é exemplo. Execuções de flautas modernas vivem à sombra do sopro da sua flauta artesanal; guitarras, violinos e todos outros requintes de pianos, não roçam a perfeição da execução do Mestre do Thakare.

As fotografias postas a circular confundem as imagens. Falam uma mensagem ao alcance de poucos. Expressam com nostalgia o que não cabe ao âmago dos saudosistas das artes. Retractam uma Era que nenhum paraquedista amador ousaria pisar. Assentam no espírito quanto na alma de quem aprecia as artes e conhece o valor da cultura.

Não são simples memórias; são um registo que perdurará numa linha do tempo sem cessar. Celebram o retorno do Mestre N'fano Wa Dunia.



QUANDO ÁFRICA VOLTOU A SENTAR-SE À MESA DA MEMÓRIA



Na tarde em que os tambores pareciam conversar com o vento e as máscaras africanas observavam silenciosamente cada passo dado no anfiteatro da UniRovuma, a mesa-redonda “Saberes Africanos e Globalização: Preservar sem Isolar” transformou-se muito mais do que um encontro académico.

Foi um regresso às origens. Um abraço colectivo à identidade africana. Um reencontro entre a modernidade e os ecos antigos da tradição.

Organizado por ocasião de 25/05, Dia de África, o evento reuniu estudantes, docentes, artistas, investigadores e amantes da cultura numa atmosfera onde o conhecimento caminhava de mãos dadas com a memória. Havia algo profundamente simbólico naquele espaço: tecidos africanos dançando no corpo dos modelos, artesanato carregando histórias silenciosas e poemas que pareciam nascer directamente do ventre da terra.

As notas de boas-vindas ficaram a cargo do Director Adjunto da instituição, que recordou aos presentes que a universidade não deve limitar-se apenas à produção científica.



Para ele, formar estudantes também significa preservar identidades, respeitar culturas e compreender que um povo sem memória corre o risco de perder a própria alma. As suas palavras ecoaram como um chamado para uma educação mais humana, mais consciente e mais ligada às raízes africanas.

Ao longo da mesa-redonda, os discursos foram desenhando pontes entre passado e futuro. Feliciano dos Santos, músico e líder da Banda Massukos, falou com a serenidade de quem carrega África no peito. Entre reflexões e memórias, afirmou que “África é o nosso orgulho e é aquilo que devemos preservar”, destacando a educação como chave para proteger os saberes ancestrais diante das transformações do mundo moderno. As suas palavras chegaram suaves, mas profundas, como água antiga correndo sobre pedras.

Já Sanudia Chaibo, Presidente da AMETRAMO-Niassa, trouxe à conversa um olhar de respeito sobre a medicina tradicional africana. Defendeu que a medicina moderna possui raízes nos conhecimentos ancestrais e apelou para que ambas sejam valorizadas sem preconceitos. Num tempo em que o mundo redescobre práticas naturais e tradicionais, a sua intervenção soou como um lembrete necessário: a ciência também nasceu da observação dos nossos avós.



Enquanto as reflexões aconteciam, o ambiente respirava arte. A mini-exposição das artes plásticas e artesanato, carregavam a identidade africana. O desfile parecia traduzir em movimento aquilo que os discursos tentavam explicar em palavras: África não é apenas um continente; é estética, espiritualidade, memória e permanência.

Houve ainda momentos de canto, poesia e actuações culturais que fizeram o anfiteatro pulsar como um coração colectivo. Cada verso declamado parecia devolver dignidade às histórias africanas tantas vezes esquecidas. Cada dança carregava a força de um povo que continua a existir apesar das mudanças do tempo.

Nas notas de encerramento, o representante da Direcção Provincial da Cultura e Turismo do Niassa reforçou a necessidade de continuar a promover espaços semelhantes, capazes de aproximar os jovens das suas raízes culturais. Sublinhou que preservar a cultura africana não significa rejeitar o mundo moderno, mas aprender a caminhar nele sem abandonar aquilo que somos.

E talvez tenha sido exactamente isso que aconteceu naquele encontro: África sentou-se à mesa consigo mesma para lembrar aos seus filhos que tradição não é atraso, é herança. Que os saberes antigos continuam vivos e que um povo que honra a sua identidade jamais caminha sozinho.



ENTREVISTA ESPECIAL

1.º DE JUNHO

"QUEREMOS USAR A ARTE PARA MUDAR VIDAS E DEFENDER AS CRIANÇAS"

Deoflânia e Presidenta Chica

Entre música, humor e sonhos grandes, as irmãs Deoflânia e Presidenta Chica, conquistam cada vez mais espaço no distrito de Mecanhelas, quiçá Niassa. Ainda crianças, já usam os seus talentos para transmitir mensagens de paz, esperança e defesa dos direitos infantis. Em conversa descontraída com a Revista Upile, as jovens artistas falam da infância, da escola, da carreira artística e dos sonhos para o futuro.

Uma dupla de artistas, que apesar dos parcos 13 e 10 anos de idade, Deoflânia Jaime na 6ª classe e Francisca da Isabel Jaime, 5ª classe, revelam-se sonhadoras, mas enquanto os sonhos continuarem na incubadora, tem na escola, a bússola para a viagem da vida. As obras por si criadas superam a idade e se mostram de grande valor, nas mensagens de impacto social por si veiculadas.



Antes mesmo de se reconhecer como gente, Deoflânia descobre a paixão pela música em 2020, quando a família percebeu o gosto pela arte, sobretudo inspirada no Messias Maricoa. Neste período, começam as criações que hoje fazem dela a cantora jovem mais aclamada de Niassa.



Numa trajetória similar, embora pouco mais descontraída e repentina, a Presidenta Chica entra nas artes cénicas muito por culpa dos vídeos engraçados que tanto gostava de ver, que numa iniciativa inesperada, o tio fez as primeiras gravações, algumas das quais inspiradas na humorista Kiki, que conquistaram a simpatia do público.

Nascida para as artes, a dupla de irmãs, explica que o processo de criação das obras obedece inevitavelmente a mão do tio, um mentor que para além de lapidar as letras e as performances, muito contribui para o sucesso escolar das crianças. Ora, o gosto pelos estudos, revela um equilíbrio entre as artes e a escola, isso graças a mentoria, gestão de tempo e das emoções das menores.

"Nós sabemos separar as coisas. Quando estamos na escola, estudamos. Quando estamos a cantar, cantamos. Tudo tem o seu momento." Revela Deoflânia.



Com um total de 20 músicas, entre as quais destaca "agradecimento pelos pais", Deoflânia expressa um sentimento de gratidão aos pais e encoraja as outras crianças a seguir o mesmo caminho, só assim, o sonho de se tornar juíza para ajudar as crianças injustiçadas pode se tornar real. Um espírito sonhador também partilhado pela irmã, a Presidenta Chica, que tanto busca pela presidência para que a escassez e a fome não habitem mais sobre as crianças.

"Como artista, quero ser famosa e levar as minhas mensagens para muitas pessoas. Como estudante, quero terminar os estudos, trabalhar e tornar-me juíza para ajudar a fazer justiça." Confidenciou a cantora Deoflânia, enquanto a Presidenta Chica, almeja ocupar a Ponta Vermelha, uma ambição à medida do objectivo "Porque muitas crianças sofrem. Algumas não têm casa, passam fome e vivem em situações difíceis. Gostaria de ajudar essas crianças."

A dupla usa da arte para fazer activismo em prol dos direitos da criança, onde nas criações privilegia mensagens de educação e apelo ao respeito pelos direitos a educação, saúde, protecção, entre outros. Mas também, a justiça e crítica social não passam despercebidas para a dupla que tem aproveitado a exposição para reforçar suas mensagens, tal como tem sido nas aparições com grandes figuras do país, como o caso mais recente com o Presidente da República.

Duas artistas, duas vozes, mas com múltiplas mensagens para uma sociedade interessada em ouvir.

PERFIL DAS ARTISTAS

Deoflânia

- Cantora infantil
- Natural de Mecanhelas
- Estudante da 6ª classe

Sonho: Ser juíza e cantora reconhecida



Presidenta Chica

- Humorista infantil
- Natural de Mecanhelas
- Estudante da 5ª classe

Sonho: Ser presidenta e ajudar crianças vulneráveis.



MENSAGEM FINAL

Com simplicidade, talento e consciência social, Deoflânia e Presidenta Chica mostram que a arte também pode educar, sensibilizar e inspirar mudanças na sociedade. Entre canções e humor, as duas jovens artistas tornam-se vozes da infância em Niassa.



OPINIÃO

"DESAFIOS E (UM) SUCESSOS ANTES DOS TRINTA FACE A PRESSÃO SOCIAL"

Esaú Bondo, Psicólogo Educacional e Consultor.



A juventude é uma das fases mais importantes do processo do desenvolvimento humano, uma vez que é marcada por transformações intensas, físicas, emocionais e sociais. Por conta dessas transformações, os jovens enfrentam grandes pressões sociais com potencial para impactar na sua vida adulta.

A pressão social, caracterizada por cobranças exercidas pela sociedade e da família desempenham um papel importante para a formação do perfil, da identidade e auto-afirmação do jovem enquanto actor relevante na sociedade.

Neste contexto, o auge da vida moderna é gerar um perfil social ideal e aceitável para a comunidade, o jovem é o maior alvo das críticas construtivas.

O jovem frustra-se por falta emprego, mesmo não tendo uma formação específica que lhe proporcione oportunidade e lograr o sucesso desejado. Por outra, o jovem que possui bom emprego, sem capacidade de gestão de recursos, fica mergulhado nos empréstimos, sem residência própria, perde o tempo na diversão e apostas constantes em jogos, no final acaba na frustração e depressão por ver jovens iguais a lograr sucessos e a criar empresas de destaque no meio do empresariado.

Anúncios e Apoios: 840565540/870291651

Com isso, chama-se a luz ao jovem, requer-se consciência de autocrítica e tomada de decisão assertiva, para o sucesso. Ser jovem é um investimento que vale a pena.

O percurso de sucesso ou de frustração, normalmente decorrem de forma influenciada pelo meio, quem convive com pessoas criativas torna-se criativo, assim como quem convive com pessoas sem foco de crescimento, acaba na estagnação.

Para se inserir no ambiente de jovens criativos enquanto é novo membro sofre-se a pressão de adaptação, busca pela identidade no grupo, essa pressão é motora de sucesso, da pressão emergem empresários, construtores, especialistas e influenciadores.

Do contrário, quem não busca o crescimento, não busca a adaptação de novos ambientes, conforma-se com o pouco que possui, não investe, não busca se desprender da sua origem,

pode-se encontrar jovens acima da idade criativa morando na casa familiar com maior naturalidade, não ter expectativa de criar família própria (esposa e filhos). Sofre a pressão social directa através do sucesso dos jovens iguais com vida estável, que por vezes são frequentadores de ambientes comuns de socialização, onde este é submetido a acompanhar as conquistas dos outros e mostrar rosto de apoiante.

A pressão social não é toda ela, nociva ao jovem, por vezes, é estimulante contra adormecimento para a vida. Renova o estímulo pela conquista da vida e obter-se realizações. Para o mundo moderno em que vivemos, onde a luta de crescimento financeiro é o tema diário de vida, a pressão social é maior e necessária.

O jovem é tido como a força motriz de desenvolvimento, e a sociedade quem impulsiona a motivação ou a desistência. Nos últimos tempos, a pressão que

o jovem sofre vai de 1000/100 por hora, não importam os meios e nem as formas que o jovem vai usar para adquirir ou conseguir os objectivos de “vida”, que nem ele sabe se são os seus ou não.

A sociedade impõe certas expectativas ao jovem, antes dos trinta, o jovem deve ter um bom emprego, carros luxuosos, casa bem requintada e com um saldo bancário impecável; por outro lado, temos a realidade vivida por este jovem, muitas das vezes está longe daquilo que ele realmente deseja.

O crescimento é um processo, com etapas, porém na falta de respeito pelo processo de crescimento equilibrado na vida, acaba levando jovens à perigos e a condutas inadequadas, como a delinquência juvenil, crimes diversos e até mesmo automutilação, como forma de alívio da pressão social e resposta à suas aflições mediáticas. Esta forma de manifestar é a maneira mais obstinada pela negativa aos desafios de busca pelo sucesso ou desistência.

Contudo, formação académica não garante bom emprego na nossa realidade, mas a capacidade de saber fazer abre portas para emprego e auto-emprego. O sucesso é resultado de conquista de espaço social baseado na prática e excelência.



COLUNA

DJANDO

O RECLUSO TREZENTOS E QUARENTA E CINCO



Empoleirado feito gato no beliche da cela número trinta e seis, estava o recluso trezentos e quarenta e cinco que via a lentidão dos minutos roubar-lhe o que há de melhor em liberdade. É o preço a pagar, por ser corrupto e, naquele beliche, fios de pensamentos o evadiam, depois ver uns iniciarem e se extinguirem à seguir, veio outro, que o levou a imaginar o gato, um felino “mimoso” por natureza, não ao nível do bicho preguiça, gosta

de lugares bonitos, cheirosos, arrumados e perfumados.

O gosto pela vida leve era sua marca de registo, como a do gato. O sofá geralmente é o seu lugar predilecto, mia, logo depois que desperta, come o que seu amo lhe dá, sem se importar como foi adquirida a comida, isso não faz parte da sua rotina, se não miar, espreguiçar-se, passar entre os pés do seu amo acariciando o com o seu rabo, comer e se lambuzar, uma coça, uma voltinha pela casa, uma vez e outra, assustar os ratos com o seu miau só para mantê-los longe para prever o cheiro forte de podre trazido por eles alimentar-se de ratos, enquanto o amo dá comida de sobra, nem pensar, comer ratos, só na aflição ou por instinto.

Issufo era o recluso trezentos e quarenta e cinco. Estava num mundo em que desconhecia as regras, o seu mundo era sobre números naturais, equações do primeiro e segundo grau ou os Pitágoras da vida.

Desconhecia o mundo sombrio das celas que pouco ou quase ninguém fala coincidência ou não, cruzou caminho com seu antigo aluno que nunca havia dado ouvidos aos seus ensinamentos de matemática. Experimentaram momentos de choque no ensino secundário. Sempre tido como indisciplinado, Issufo e o aluno era como se vivessem em mundos diferentes, um exemplo claro da cidade de Deus e a Cidade dos homens que Santo Agostinho nos deixou a conhecer, uma demonstração real da diferença destes dois mundos e todos pensavam que o professor era da cidade de Deus, até aquele fatídico caso que o levou à cela, estar na língua de toda cidade afinal, toda aquela implicação com o seu aluno era mesmo por serem semelhantes e não diferentes, como se pensava, um estava no estado explícito, enquanto o outro no estado latente, oculto.

– Cá estou eu precisando de ensinamentos deste marginal para sobreviver, eu que sempre julgava que ele, era de um mundo diferente do meu, eu era o professor. Monologou aflito Professor Issufo.

Oh professor! Estar na cadeia não é de todo tão ruim como se pensa zombou dando uma risada forçado o aluno, assim que se esbararam na portinhola de acesso ao seu pavilhão. O professor ainda constrangido por ter avistado aquele aluno abominável e continuando o aluno esnobou aqui partilho a cela com pessoas que lá fora, jamais teria oportunidade de dormir no mesmo compartimento, os ilustres, lá fora, mesmo quando o meu sétimo sentido dizia que somos iguais, eles se recusavam a aceitar e, vivíamos fingindo estar em mundos diferentes, preferiam escondese por de trás da máscara, é o seu caso, meu professor, comer e beber a mesma comida e água, com os muenhês empresários e, até os superiores servidores público é uma oportunidade que só a cela pode proporcionar. O único momento em que me sinto constrangido, é ser escoltado, vestido de roupa laranja, apontado com uma arma, sentenciou.

– Vem, que eu te arranjo um lugar. "Pessoal, acomodem o meu ilustre professor – gritou mostrando que era ele o líder naquele lugar, um outro detento, sem demora, tratou de acompanhar o ilustre professor, que tremia feito bebê acabado de ser dado banho, no inverno, antes que a mãe o agasalhe, a um beliche e o acomodou.

O mundo dá voltas, pobre aluno, sempre achei, que eu era o professor, ensinando-o as regras de bem viver na sociedade, hoje, é ele quem está a ensinar-me, a não viver, sim, a sobreviver. – Disse para si o professor, em silêncio e, sem conseguir esconder a cara de envergonhado.

Os dias foram passando, aos poucos Issufo ia se acostumando e aprendendo sobre a vida por dentro das grades, coisa que ainda não tinha se acostumado. Naquela manhã, o sol já rasgava as nuvens cinzentas das primeiras horas do dia, porém, parecia que as nuvens, ao serem rasgadas pelo sol, migravam para sua mente, acinzentar os seus pensamentos, depois que o carcereiro que na hora de troca de turno, o chamou pelo número, contando o como o fazem os pastores de gado para saber se a manada está completa. O seu apelido que levou anos a construir, transformou-se em lixo, mastigado pela imprensa tradicional e as médias digitais. O respeitado Issufo Mwemedede, se resumia no recluso: trezentos e quarenta e cinco.

De que serviu, uma vida inteira vivendo no luxo que nunca teria construído com trabalho honesto? Pergunta recorrente feita a si mesmo que o deixava no abismo da tristeza.

Os amigos, alguns familiares e concubinas, até os que estiveram com ele na noite que antecedeu a sua prisão, sumiram.

"Homem sem coração, deixa ele pagar pelos pecados que cometeu, comia com suas concubinas, era sem tempo...gingava muito, queria nos superar, se sentir o dono da cidade com dinheiro sujo, afinal era dinheiro roubado que ele exibia." Foi assim que o homem passou a ser visto. Uma pedra atrás da outra contra o professor Issufo. O ódio e a maldade existem – nunca se odeia a quem não se conhece, mas sim os próximos. Foi assim com Jesus Cristo, quando rejeitado por Pedro.

Os poucos amigos que ainda visitavam o professor no cárcere, vendo o quebrado e aos prantos, questionavam o que fazer para ajudá-lo e deixavam mensagens de incentivo: a prisão não é por si o fim, vai sair dessa e dar muitos bons frutos. Outros vinham com propostas de orações de indulgência, afinal, quem somos nós para condená-lo – mostravam-se embaraçados quando questionados por quê se davam o trabalho de visitá-lo no presídio.

Mesmo com essas palavras, a tristeza não deixava de atormentar o professor Issufo nas horas em que o silêncio, a sombra e bafo do calor humano da cela ecoavam, e uma lágrima no canto olho descia.

E, o seu aluno não perdia a oportunidade de o atormentar, esfregar na cara que ele era dono daquele lugar, que chegara primeiro, que era conhecedor das leis daquela cidade dos homens.

– Aqui, as leis matemáticas, o Pitágoras que você pregava como professor, não funcionam. Funciona o código penal, a voz do juiz, do carcereiro e quando estes dois estão longe, a nossa lei, a lei dos detentos, que por sinal, sou líder, impera e se não cooperares, a prisão será dolorosa a dobrar para si.

Com medo, feito pássaro molhado e abandonado pela mãe, Issufo não tinha escolha, cooperava partilhando comida e outras benesses que recebia de casa e, aos poucos foi ganhando amizade do seu aluno e aprendia as lições dele para sobreviver no presídio.

A sociedade cria homens com desvio comportamental e lança-os para o abismo. Infelizmente, entra-se para a armadilha sem noção, como se estivesse só brincando de esconde-esconde, tudo começa com a vez número um, apelidada de "nhonga", o refresco está caduco, os nomes que se dão a práticas corruptas também se inovam, depois dois, na vez número três, quatro... o mal se torna homogêneo, sem nenhuma diferença com o bem.

Enquanto a família se vangloria quando um ente querido ascende a um cargo público, na esperança de receber benesses, algum tipo de alavanca. Nas cerimônias familiares, seja de falecimento e/ou de outra índole, no convívio com amigos seja de ocasião e/ou da vida toda, é ele o chefe, que automaticamente também vira chefe, na família e no grupo de amigos, quem deve arcar com o bolo grande dos custos, o ego do nomeado mesclado com suas expectativas antes de ascender e vícios – álcool, concubinas, viagens na classe executiva para dentro ou fora do país, hospedagem em hotéis cinco estrelas, escola dos filhos fora do país. Todas essas vantagens muitas delas geradas pós ascensão, são como o combustível que arrasta para a irracionalidade – perca do coração humano, no momento de servir.

As esposas então. Ah, essas cúmplices das mordomias criadas pelas posições geradas por uma vida de desvios. Não conseguem dizer basta. Com elas, despesas atrás de despesas. "Não vou ao mercado comprar óleo em análises (plásticos usados para fazer

gelos domésticos), ora as minhas compras devem ser nos supermercados mais caros da cidade, sou esposa de doutor, director, chefe eu, as crianças não devem estudar na escola pública, quero carro pessoal, em fim, são encargos que o salário e bónus de chefia, mal cobrem, mas a sociedade cobra.

A sociedade, familiares e amigos em particular – devem parar de pensar que o nomeado é o Messias da família e amigos. É o grito do professor Issufo quando o som do último cadeado encerra o dia na cela número trinta e seis, uma reflexão que promete usar como propósito de vida, levar esta mensagem para os outros servidores públicos para preveni-los da cidade dos homens, encantadora, porém cheias de ilusões. Será que estarão preparados para ouvi-lo?

Quando a sentença chegou – dois anos e seis meses de prisão, convertidos em multa no valor total de quinhentos e oitenta e sete meticais, a taxa diária de oficial de justiça fixada em sento e trinta e cinco meticais por dia, indemnização do estado no valor de oito milhões e quinhentos meticais, era a pena, porém – o professor Issufo não tinha nenhum tostão na conta para poder pagar no mínimo a multa e, em liberdade pagar o valor da indemnização, os amigos, mesmo os que vinham ensaiando oração de indulgência e palavras de consolo, ousaram ajudá-lo – não tenho nem um tostão! Era a resposta comum a todos em que Issufo, depois de mandar a sua esposa para os peditórios ouviu.



DEVANEIOS

O BIDÃO OU GALÃO DE COMBUSTÍVEL?



Na manhã em que decidi procurar combustível, Machava já parecia um cemitério de motores. Não era exactamente silêncio. Era pior. Havia buzinas históricas, chapas tossindo fumaça preta, passageiros espremidos como roupa molhada, vendedores de bajias gritando no meio das bichas, motorizadas invadindo passeios, e homens carregando recipientes vazios como peregrinos modernos atrás de um milagre líquido.

O meu bidão azul de vinte litros tornou-se o objecto mais importante da minha vida. Mais importante que o salário. Mais importante que o cartão do banco. Mais importante até que esperança. Foi nessa bicha infernal que conheci Jamal.

Veio de Nampula há seis anos, mas falava como se ainda estivesse sentado no chão duma khangala em Namicopo. Magro, sempre sorridente, dono daquela alegria barulhenta típica de quem aprendeu cedo que a vida só não enlouquece completamente porque o povo ri.

Carregava três recipientes amarelos amarrados com corda. Quando chegou perto da fila perguntou em voz alta:

– Chefes... aqui estão venteri gasolina ou estão a distribuir sofrimento?

Alguns riram. Outros nem tinham energia para isso. Jamal levantou um dos recipientes e de seguida faz outra pergunta:

– É quem o último pessoa com galão manos?

Um homem virou-se imediatamente:

– Não é galão, você também. Aqui em Maputo chamamos bidão.

Jamal fez cara séria.

– Bidão é o quê mano? Nome de cantori?

A bicha explodiu em gargalhadas. Desde aquele dia, metade da bomba passou a discutir linguística de combustível. No Sul diziam “bidão”. Jamal insistia em “galão”.

– Lá na terra isso é galão.

– Aqui não é Nampula.

– Combustível também não é daqui e todos procuram.

Silêncio. O homem ficou sem resposta. Porque o humor às vezes humilha mais que discussão. Com o passar dos dias, Jamal tornou-se famoso nas bichas. Andava de bomba em bomba oferecendo biscates aos jovens desempregados.

– Você tens pernas forte? – Perguntava Jamal seguro da sua comunicação e conjugação verbal.

– Tenho.

– Então pega tois galões e vai procurari gasolina na Matôla.

Assim nasceu uma nova profissão nacional: Caçador de combustível. Jovens saíam pela cidade inteira carregando bidões ou galões vazios. Alguns caminhavam quilómetros. Outros dormiam em filas. Outros decoravam horários secretos de abastecimento como estudantes preparando exames finais. E outros lá se acampavam...

Maputo transformara-se numa caça ao tesouro. Só que o tesouro cheirava a gasolina ou diesel. E pagava-se por litro.

Os desempregados descobriram negócio na crise. Havia quem cobrasse para guardar lugar na fila. Outros alugavam recipientes. Alguns empurravam carros mortos, sem combustível. Outros vendiam informações:

– Dizem que chegou camião na Julius Nyerere.

– Dizem que ali só estão a abastecer conhecidos.

– Dizem que combustível foi desviado para o Zimbabwe.

Silêncio. O homem ficou sem resposta. Porque o humor às vezes humilha mais que discussão. Com o passar dos dias, Jamal tornou-se famoso nas bichas. Andava de bomba em bomba oferecendo biscates aos jovens desempregados.

– Você tens pernas forte? – Perguntava Jamal seguro da sua comunicação e conjugação verbal.

– Tenho.

– Então pega tois galões e vai procurari gasolina na Matôla.

Assim nasceu uma nova profissão nacional: Caçador de combustível. Jovens saíam pela cidade inteira carregando bidões ou galões vazios. Alguns caminhavam quilómetros. Outros dormiam em filas. Outros decoravam horários secretos de abastecimento como estudantes preparando exames finais. E outros lá se acampavam...

Maputo transformara-se numa caça ao tesouro. Só que o tesouro cheirava a gasolina ou diesel. E pagava-se por litro.

Os desempregados descobriram negócio na crise. Havia quem cobrasse para guardar lugar na fila. Outros alugavam recipientes. Alguns empurravam carros mortos, sem combustível. Outros vendiam informações:

– Dizem que chegou camiãõ na Julius Nyerere.

– Dizem que ali só estão a abastecer conhecidos.

– Dizem que combustível foi desviado para o Zimbabwe.

Em Moçambique, quando falta transparência, nasce imediatamente um mercado paralelo da imaginação. Jamal adorava comentar tudo.

– Este País é muito engraçado mano... temos muito fofocas que combustível.

Na rádio, Ministros apareciam com vozes tranquilas:

– O País possui combustível suficiente nos reservatórios.

A fila inteira ouvia aquilo como quem escuta piadas de humor negro. Porque diante das bombas, a realidade era outra. Chapeiros dormiam dentro dos transportes para não perder lugar na bicha. Trabalhadores caminhavam quilómetros por falta de chapa. Passageiros discutiam por espaço como refugiados urbanos. Ambulâncias, Bombeiros, Polícias ficavam presos no trânsito. Crianças chegavam atrasadas às escolas. Pacientes chegavam tarde aos hospitais. Mas o Governo insistia:

– Há combustível suficiente.

Jamal abanava a cabeça:

– Então combustível dêli foi ir trabalhar sozinho, porque nas bombas não aparece.

Toda cidade começou a parecer uma fotografia engarrafada. Carros estacionados em passeios. Viaturas abandonadas nas entradas das casas. Motorizadas atravessadas nas avenidas.

– Huuummm... Outro dia vimos carro parado na porta de funerária de cemitério...

Jamal comentou imediatamente:

– Até os irmão que morreu precisa esperar abastecimento antes de morrer.

A fila quase caiu de tanto rir. O humor moçambicano é perigoso. Quanto mais o povo ri, mais próximo está do colapso. Ao meio dia, a bicha ultrapassava sete carros. SETE. Enquanto isso, homens discretos abasteciam sem limitações. Viaturas luxuosas apareciam, furavam as bichas invisíveis e desapareciam de depósitos cheios. Talvez coincidência.

Em Moçambique, coincidência é apenas corrupção usando perfume caro. Naquele dia, depois de nove horas de espera, finalmente chegou a minha vez. O funcionário da bomba olhou para o meu recipiente.

– Quantos litros?

Antes que eu respondesse, Jamal interrompeu:

– Mano, mete vinte no meu galão mano. Um pouco só.

O funcionário irritou-se:

– Amigo, isso é bidão!

Jamal cruzou os braços dramaticamente.

– Irmão... combustível não tem completo no País todo e ainta você quer mutari nome do meu sofrimento?

Até o funcionário riu. Mas depois suspirou:

– Só podemos dar dez litros.

DEZ. Observei a gasolina entrando lentamente no meu recipiente azul, como soro num paciente terminal. Ao lado, um homem numa viatura luxuosa abastecia sem limites enquanto falava ao telefone sobre “negócios”. Jamal aproximou-se devagar e sussurrou:

– Moçambique mano, tem tuas bicha. A nossa... e a outro bicha de bantido preguiçoso-perigoso.

Peguei o meu bidão. Ou galão. Naquele momento já não importava o nome. Importava apenas sobreviver. Enquanto voltávamos para casa no meio do trânsito imóvel, vimos jovens correndo de bomba em bomba atrás de biscates, carregando recipientes vazios nas costas como soldados de uma guerra absurda. E talvez fossem mesmo. Porque naquele Moçambique surreal, o combustível deixara de ser apenas combustível. Tornara-se moeda. Poder, privilégio. E sobretudo esperança. Foi então que percebi: A verdadeira crise não era apenas a falta de gasolina ou diesel. Era um País inteiro empurrando carros, chapas e sonhos... enquanto poucos seguem viagem com o depósito cheio e o povo distraído discutindo se aquilo se chama bidão ou galão...

O NÚMERO QUE NÃO DEVIA TOCAR

Boa noite.

Vou te contar uma história que não pede perdão, pede silêncio. Porque algumas conversas só deveriam existir no lugar onde nasceram: no fundo da garganta de quem não soube engolir o erro.

Era noite quando o telefone vibrou com um "Boa tarde, César, tudo bem?"

Tarde demais. Tarde para tudo. César respondeu como quem responde a um fantasma: educado, desconfiado, pronto para desligar.
- Desculpa, de quem é o número?
E o fantasma tinha nome. Lucrécia.



A mensagem seguinte chegou em pedaços, como quem cai de joelhos:

- Eu não estou nada bem. Estou de baixa na pediatria do José Macamo. A minha filha está super doente.

Não usava o celular dela. O celular era emprestado. A vida dela também parecia emprestada. César leu e sentiu o estômago virar. Não por pena. Por memória.

- És tu? Eu bloqueei os teus números e apaguei há muito tempo. Qual é o assunto?

O assunto era velho. Tinha dois anos, tinha fotos, tinha traição, tinha uma esposa quase perdida, tinha reuniões de família com pedras na mão. Tinha a noite em que ele bebeu, dormiu, e acordou nu na galeria de fotos da própria mulher.

Lucrécia chorava em texto. Falava de convulsões, de dívidas, de despejo, de um hospital público que olha e não vê.

Falava da Shantel, a filha. E pedia. Pelo amor de Deus. Por perdão. Por empréstimo. Por qualquer coisa que não fosse "adeus".

César respondeu como quem fecha uma porta com o pé:

- Apaga a minha existência da tua cabeça. Se me vires na rua, finja que não me viste. Se ouvires que morri, não venhas nem ao funeral.

Cada palavra era um cadeado. Cada ponto final era um murro na mesa. Ele não era mau. Ele era ferido. E ferido aprende a não deixar a porta entreaberta.

- Tu tens dinheiro. - ela insistiu.

- Não é meu. É da minha família. A minha esposa também é dona. A frase cortava mais que o insulto. Era o limite entre o homem que ele foi e o homem que ele virou depois da queda.

Dois anos para reconquistar a Fátima. Dois anos de reuniões, de lágrimas, de promessas ditas de joelhos. Ele devia tudo a ela. E não ia pagar essa dívida com o bolso de quem quase destruiu a casa.

- É a minha filha, César. É a Shantel.

E ele respondeu o que dói dizer em voz alta:

- Quando os meus filhos estão doentes eu me viro. Faz o mesmo, mamã.

Não era frieza. Era fronteira. Porque se ele cedesse hoje, amanhã a culpa voltaria a dormir na mesma cama. E ele já tinha passado noites demais acordado.

- O que eu preciso fazer para me perdoares?

- Queres o meu perdão porque estás em apuros?

A pergunta ficou no ar, sem resposta. Porque perdão não se pede com convulsão. Perdão não se cobra com urgência. Perdão se constrói quando não há mais nada a ganhar com ele.

No fim, César fez as duas únicas coisas que ainda podia fazer: apagou a conversa antes que a esposa visse e desligou o celular. De seguida, bloqueou o contacto.

E deixou Lucrecia com o que restava: sem resposta.

Não é uma história bonita. É uma história verdadeira. Sobre como algumas portas, uma vez fechadas com sangue, não se abrem nem quando do outro lado há uma criança a chorar. Porque a vida ensina de um jeito cruel: Há erros que não pedem segunda chance. Pedem distância. Pedem que tu aprendas a viver com o peso, sozinha.

E César?

César foi dormir.

Não em paz.

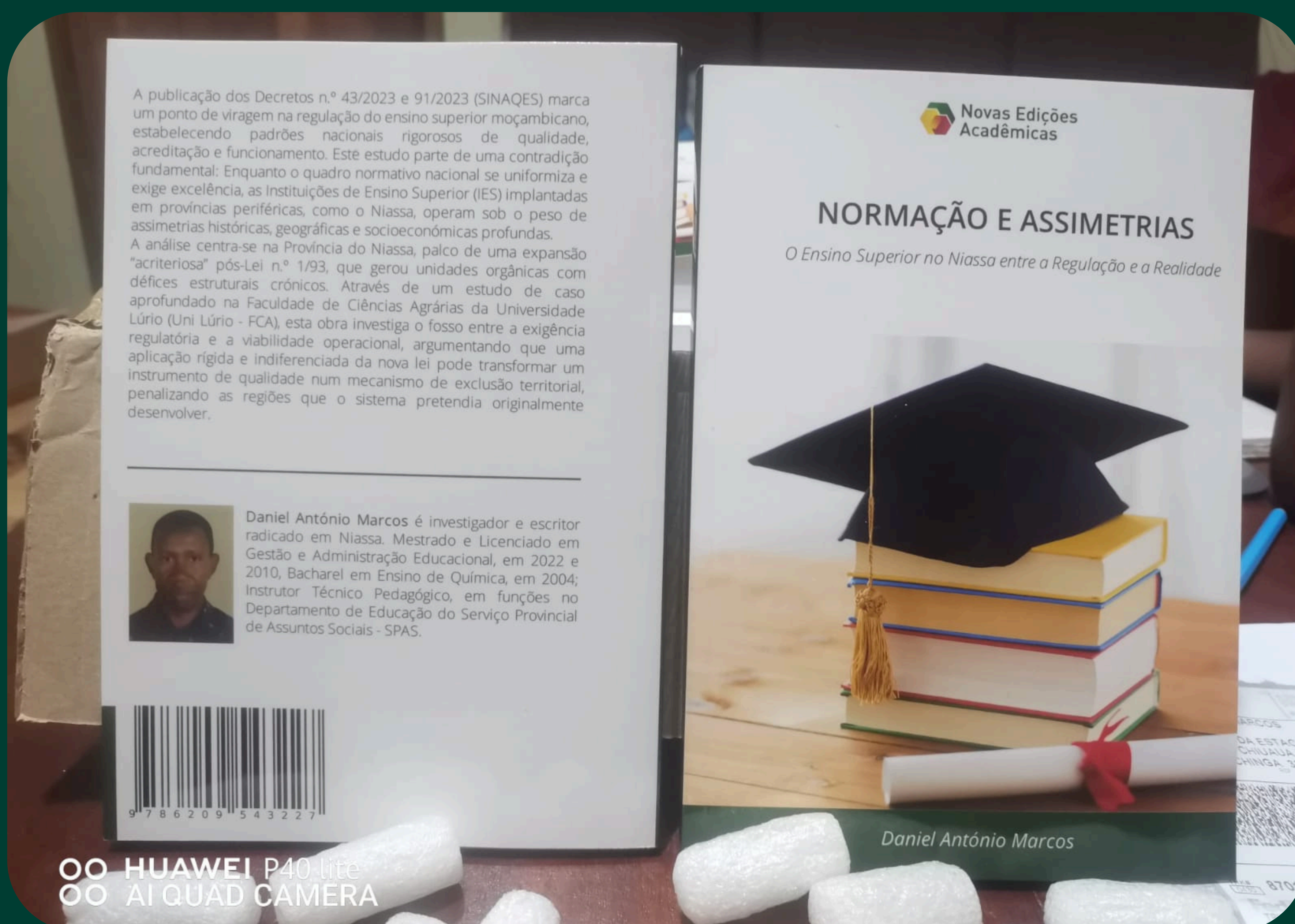
Mas em guarda.

Porque quem já perdeu a família uma vez, não arrisca perder de novo nem por uma mensagem marcada como "lida".



SINOPSE

NORMAÇÃO E ASSIMETRIA: O ENSINO SUPERIOR NO NIASSA ENTRE A REGULAÇÃO E A REALIDADE



A obra de Daniel Antonio Marcos é um estudo resultante da publicação dos Decretos n.º 43/2023 e 91/2023 (SINAQES), um ponto de viragem na regulação do ensino superior moçambicano, que estabelece padrões nacionais rigorosos de qualidade, acreditação e funcionamento. Este estudo parte de uma contradição fundamental: Enquanto o quadro normativo nacional se uniformiza e exige excelência, as Instituições de Ensino Superior (IES) implantadas em províncias periféricas, como o Niassa, operam sob o peso de assimetrias históricas, geográficas e socioeconómicas profundas.

A análise centra-se na Província do Niassa, palco de uma expansão “acriteriosa” pós-Lei n.º 1/93, que gerou unidades orgânicas com défices estruturais crónicos.

Através de um estudo de caso aprofundado na Faculdade de Ciências Agrárias da Universidade Lúrio (Uni Lúrio – FCA), esta obra investiga o fosso entre a exigência regulatória e a viabilidade operacional, argumentando que uma aplicação rígida e indiferenciada da nova lei pode transformar um instrumento de qualidade num mecanismo de exclusão territorial, penalizando as regiões que o sistema pretendia originalmente desenvolver.

O estudo analisa o percurso e os desafios da implementação das normas de licenciamento e funcionamento da IES no Niassa. A investigação, de natureza qualitativa e exploratória, baseou-se numa estratégia de estudo de caso, recorrendo a: análise documental exaustiva da legislação, relatórios de inspecção e documentos institucionais; entrevistas semiestruturadas com dirigentes, docentes e técnico-administrativos da Uni Lúrio – FCA; observação directa das condições de funcionamento das IES no Niassa.

No final, depreende-se que o ensino superior na província é um legado da expansão desregulada dos anos 1990–2010, caracterizado por instalações precárias ou incompletas, corpo docente predominantemente licenciado, e financiamento dependente de propinas numa economia local frágil. As IES encontram-se num ciclo vicioso: fragilidade financeira → impossibilidade de investir em infra-estruturas e quadros → baixa qualidade percebida → limitação da procura → perpetuação da fragilidade financeira.

Sobre o Caso da Uni Lúrio – FCA: O Paradoxo Fundador, a FCA, apesar de ser a instituição com melhores condições físicas na província, personifica o “paradoxo fundador”: nasceu com uma missão estratégica pública, mas sem os investimentos estruturais correspondentes, numa localização remota (Unango) que agrava

custos e dificulta a atracção de quadros. A instituição demonstra esforços de adequação, mas os mecanismos são insuficientes perante a magnitude dos novos requisitos, especialmente na qualificação docente (escassez de doutores) e na plena internalização de uma cultura de qualidade.

Os novos decretos são necessários e bem-vindos para a qualificação do sistema. Contudo, a sua aplicação uniforme e rígida, sem considerar os diferentes pontos de partida histórico-institucionais, representa um risco sistémico. Exigir que IES do Niassa cumpram, no mesmo prazo, o mesmo critério de IES em Maputo ignora a “dívida histórica” do sistema para com as suas periferias e pode levar ao encerramento de cursos ou unidades, aprofundando as desigualdades regionais.

Também, existe uma clara desconexão entre o mandato de qualidade (público) e o modelo de financiamento (dependente do mercado de propinas), o que torna a sustentabilidade das IES periféricas praticamente inviáveis.

Da Proposta Central: da Fiscalização Punitiva à Regulação Inteligente e Equitativa, para que a normação cumpra o seu objectivo de qualificar sem excluir, este estudo propõe um novo paradigma de “regulação contextualizada”. A proposta central materializa-se na criação de um Regime Especial de Aplicação Progressiva, operacionalizado através de: Planos de Transição Aprovados (PTAs): Cada IES em regiões com défices estruturais comprovados (como o Niassa) elaboraria um PTA plurianual (5-7 anos), com metas anuais mensuráveis e auditáveis para atingir os padrões.

Recomenda-se para as IES do Niassa adoptar uma postura proactiva, elaborando PTAs realistas; investir em formação acelerada de docentes; e promover a partilha de recursos entre instituições da província. Para o Governo e Órgãos Reguladores (MEC, CNAQ), institucionalizar oficialmente um regime de aplicação progressiva; criar um fundo de equidade para o ensino superior provincial; e fomentar a diferenciação funcional com base na relevância regional.

Para a Comunidade Académica e Investigadores, há necessidade de se desenvolver estudos de impacto da nova normaçoão; pesquisar modelos de financiamento alternativos para contextos periféricos; e analisar os modelos de governaçoão multinível no ensino superior.

Esta obra transcende o estudo de caso para oferecer uma análise crítica das políticas de ensino superior em contextos de profunda assimetria. O Niassa é apresentado não como um “caso problema”, mas como um “teste de stress” ao modelo regulatório nacional. A principal contribuição é a proposta de um caminho viável: a normaçoão deve evoluir de uma lógica de conformidade burocrático e punitivo para uma lógica de desenvolvimento institucional apoiado e diferenciado. A qualidade almejada para o sistema moçambicano não será homogénea, mas deve ser equitativa – e esta obra mostra como alcançá-la.



ENTRE VERSOS

QUE O MUNDO ME VEJA COMO EU SOU

Por *Pré Destinada*

Sou.
Criança com direitos e afecto,
afecto descrito nos tons da caneta.
nas linhas tortas dos meus cadernos,
onde escondo silêncios
que ninguém percebe na sala de aula.



Sou feito de perguntas caladas,
de sonhos pequenos guardados no peito,
de vontades que crescem
mesmo quando o mundo tenta diminuí-las.

Meu peito tem laços
que sussurram para o mundo
o quanto eu gostaria de ser capaz
de caminhar sem carregar olhares,
de aprender sem que apontem meus limites
antes mesmo de conhecerem minha voz.

Queria estudar sem estigma,
erguer a mão sem medo do riso,
escrever meu nome
sem sentir vergonha da minha diferença.

Queria viver sem discriminação,
como quem respira liberdade
sem precisar pedir licença para existir.

QUEM SERÁS TU?

Marcela – A Ursinha

Quem serás tu?
Quem és tu quando ninguém vê
Quando as suas verdades te cercam

Quem serás tu?
Se tu lutas no presente para ser alguém no futuro,
Quem serás tu?
Se vives a vida que não é tua?

Pergunto!

Se tu não viesses na internet, as dicas de como vestir, como te vestirias?
Logo, nem sabes quem és tu, qual desses gostos é teu.
Então tu gostas dos gostos alheios.

Se não te fosses obrigado, estudarias?
Levas uma vida que nem tudo é do teu agrado
Não quero influenciar, mas agora me responde
Quem serás tu?



Olha só para ti (risada)
Tentando se achar
Se anulando para caber
Nos padrões que tentas abraçar
Te perdes e a pergunta que não quer calar é

Quem serás tu?
Influenciado perdido.



MINHA BIO

MINHA BIO- HOMENAGEM AO TIO VISIMA

Victor Silimino Maulana, uma alma nobre e vocacionada aos direitos das crianças. Conheceu o mundo a partir de Maúa, na província de Niassa em 1977. O príncipe Victor Maulana é filho da Rainha da Comunidade de Nripo, Joana Buanaissa e Silimino Maulana, artesão e artista tradicional de Elata, Txire, Chawarawa, danças típicas de Niassa.



Sonhador e sempre altruísta, sua vida foi coroada de êxitos que ultrapassaram estereótipos de variados rótulos e estigma, pela condição física, que o levou ao ingresso escolar somente aos 14 anos de idade, onde das mãos e bondade dos padres na terra natal, frequenta todo ensino primário. Para além do trono da mãe, Victor Maulana herdou a veia artística do pai e forja o pseudónimo de VISIMA, que provém das primeiras duas letras de cada nome seu, mas, também é expressão do amor que nutre pela terra natal "Viemos Simplesmente de Maúa".

VISIMA, no mundo tangível, busca pelo conforto, sorriso e bem-estar da pequenada; no espiritual, vagueia por cada sonho como se fosse seu. Um homem nascido para os outros, baptizado no activismo sobre os Direitos Humanos das Crianças, Mulheres e Raparigas rurais em 2002, ano que abdica da sua própria vida para viver na pele, a dor alheia. Desde então, assume-se líder das boas práticas e promotor de masculinidades positivas, formador em Liderança, desenvolvimento comunitário, Direitos Humanos das mulheres, raparigas, Crianças e Pessoas Com Deficiências.

Homem de múltiplas valências; activista, jurista, músico e actor, Victor Silimino Maulana tem se doado para as comunidades, o que o levou aos extremos de todo país e ao infindável do Niassa, mas tem na criança o ponto fraco. A luta pelos direitos da criança encontrou suporte numa formação académica (Direito) que lhe dá autoridade para falar em nome dos desfavorecidos.

Ao longo dos seus 24 anos de carreira do activismo, VISIMA, dedicou-se também na Comunicação Comunitária, onde através de arte e cultura (música tradicional e dança, teatro, canto coral), em Direitos Humanos das crianças, Adolescentes e Jovens, Lobby e Advocacia, tem levado mensagem de educação cívica e apelo no respeito à vida. Gosta de tocar música em banda, relatando assuntos de interesse público, com enfoque os Direitos Humanos.

Para VISIMA, a política é uma paixão que não deve ser deixada unicamente aos políticos activos e encontra nela, um campo para se expressar num idioma dominado por poucos, como paz, segurança, democracia, liberdade de expressão e intervenção humanitária. Tem uma vasta experiência na mobilização comunitária com actores influentes para mudança de comportamentos que ferem com os Direitos Humanos dos grupos vulneráveis nas zonas rurais.

Tio VISIMA, para as crianças tem sido luz, bússola, um verdadeiro guião de luta pelos direitos e exemplo de superação. Já experimentou um pouco de tudo no mundo de associativismo.

Actualmente exerce funções de Coordenador Executivo da "Associação Amigos da Criança Boa Esperança



ACABE", onde faz da defesa dos Direitos Humanos seu ofício. Com larga experiência nas Organizações da Sociedade Civil e em diferentes programas, tem se revelado mediador de conflitos e líder em matérias de direitos humanos envolvendo crianças.

O Super Homem do activismo infanto-juvenil em Niassa, considera maior conquista a mudança operada nas vidas de muitas raparigas, adolescentes, jovens e crianças desfavorecidas na província e no país em geral, onde ganhou muitas amizades ao

nível do mundo. Mas, faz relato do reconhecimento e condecoração pela Assembleia da República pelos actos na defesa dos Direitos da Raparigas e Mulheres na luta contra as Uniões Prematuras e Violência Baseada no Género, o êxtase das suas lutas.

Apesar da idade e longa estrada no mundo do activismo, Victor Silimino Maulana, se permite sonhar num Moçambique Democrático, Justo, Transparente e Inclusivo onde os direitos da Criança não são violados.





PERGAMINHOS

A MINHA INFÂNCIA

A minha infância
A minha história não conhece outra vida
Vive um sorriso roto
Uma vida mergulhada na dor
Quando em meio a promessas
Em meio a nada me tornei adulta
Quando escutei será rápido
Quando a voz dizia não vai doer
Quando chamaram bira as minhas lágrimas



A minha infância
Terminou bem antes de começar
Quando me levantaram o vestido
Quando sem cuidado abriram me pernas
E uma mão gigante sobre a boca calou a minha voz para sempre

Aquela mão fez me mulher
Tirou me sonhos
Construiu traumas sobre mim
Uma infância de raiva, rancor e ódio
Entre mim deixou uma marca sem selo
Uma ferida parida por apetites selvagens
Domada pelo cansaço
E julgada pelas minhas vestes ou sorriso

Hoje
Hoje de alma cansada vivo
Com a virgindade arrancada me arrasto
Perdi ser criança
E numa sentada tornaram me mulher.

SER CRIANÇA

Muitos dizem: ser criança é uma maravilha.
Mas nem todas vivem maravilhas, porque também existem ruínas.

Tem criança vivendo uma realidade dura e crua
Aquele cujos direitos abandonou para angariar fundos na rua
E nem casa tem para chamar sua.

A que bebe do suor
Nutre-se da poeira
E sobrevive do seu próprio empenho
Para cuidar dos irmãos a qualquer preço.

E com estes versos
Escrevo pela vida de quem nunca teve infância
A que é chamada esposa antes mesmo de tornar-se mulher
A que suporta o abandono de um lar mal-arranjado.
Aquele criança que teve seu direito violado
A que por não sentir-se amada
Vive encostada num canto,
Porque não teve oportunidade de mostrar seu encanto

Mas também escrevo pelos futuros engenheiros,
Os que darão continuidade ao país
E farão o seu melhor, vezes mais até a profundidade da raiz

E com a mágoa de todas crianças
Dispenso-me com as esperanças
De sempre ver luz onde muitos vem ternura.



